

O ESTADO DE S. PAULO

# Empresas

QUARTA-FEIRA, 28 DE MAIO DE 1997

0337

## Conheça os perigos e desafios da globalização

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

A globalização da economia é irreversível. A formação dos espaços plurirregionais, a internacionalização dos investimentos, as dificuldades do Estado moderno, a obsolescência do Direito, a máquina substitutiva do homem, o desemprego estrutural, a expansão dos mercados e do conhecimento e a redução dos receios de uma conflagração mundial fortalecem a irreversibilidade da globalização, em que as relações econômicas superam os controles e barreiras dos países, numa procura de produzir melhor e a um custo menor em todo o mundo.

### A imposição de política econômica do Estado mais prejudica que incentiva os empresários

E, como os mercados se expandem em velocidade ainda maior do que a capacidade de produção mundial, muito embora menor do que a capacidade de absorção da mão-de-obra emergente, o certo é que ainda há espaço temporal para que o crescimento desses mercados continue acelerado.

À evidência, a globalização da economia favorece os países mais desenvolvidos, que têm melhor tecnologia, maiores recursos e estabilidade econômica permanente, se não sua capacidade de produzir em larga escala, por um preço mais reduzido, superior à dos países emergentes.

Sofrem, todavia, com custo de mão-de-obra maior e com uma es-

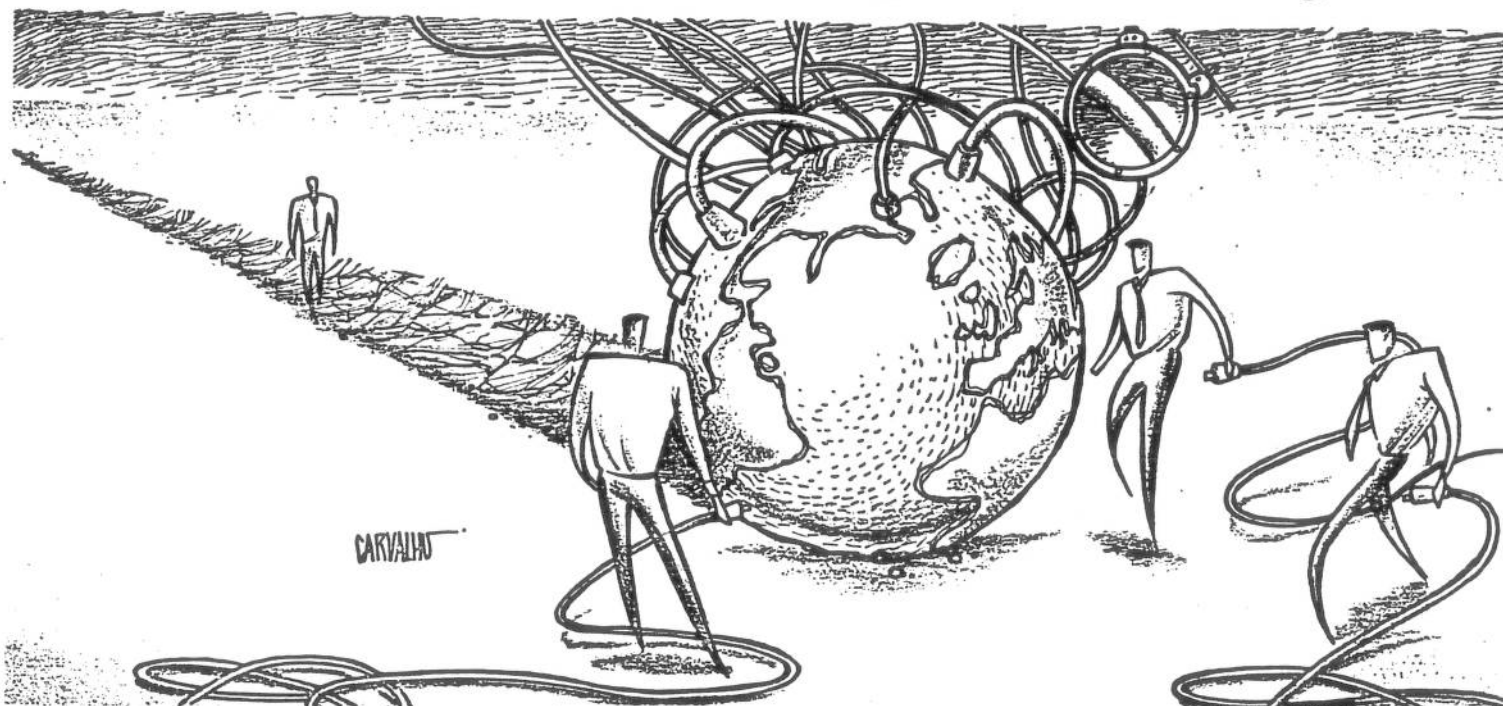
trutura de Estado voltada ao bem-estar social, que é mais onerosa que a dos países emergentes, embora mais eficaz e mantenedora de mercado interno. As finanças públicas, todavia, são que recebem o impacto do Estado provedor de segurança social, porque cada vez menos pessoas trabalham para sustentar um número maior de pessoas inativas, por idade ou por desemprego.

Nos países emergentes, a precária estabilidade econômica sem inflação, obtida à custa da valorização da própria moeda, com reflexos negativos na balança econômica, de política monetária recessiva, assim como um

parque empresarial menos habilitado a enfrentar a tecnologia externa, quando não obsoleto, fazem com que a vantagem de uma mão-de-obra menos custosa se dilua em face dos demais fatores concorrenciais negativos.

E, no Brasil, acresce-se uma carga tributária superior à dos países emergentes (31% contra média de 20%) e encargos superiores aos de todos os países do mundo (102 contra 60% da Argentina, que é o mais elevado das Américas depois do Brasil).

Nesta linha, a globalização da economia se, de um lado, impõe um aumento de produtividade real, de outro lado dificulta que inúmeros segmentos nem sequer



tudem por uma melhoria de competitividade, em face do brutal desnível de seu potencial produtivo, onerado por defasagem cambial, juros mais elevados e carga tributária cumulativa incidente apenas sobre os produtos nacionais e não sobre os estrangeiros.

Desta forma, nem sempre a competitividade torna-se inacessível por incompetência dos empresários — no Brasil têm sido rigorosamente competentes, em face da notória incompetência dos governos em administrar planos econômicos —, mas exclusiva-

mente pela imposição de política econômica do Estado, que mais os prejudica que os incentiva.

Neste quadro, portanto, a globalização da economia é melhor para os países desenvolvidos, que podem aproveitá-la com maiores benefícios, que para os países emergentes, lembrando-se que Estados Unidos e Japão, que praticam um protecionismo sofisticado por meio de sobretaxas e controles de qualidade preconceituosos, são seus maiores beneficiários. Os Estados Unidos, inclusive, sem qualquer

espécie de constrangimento, declaram que pretendem forçar os países com "déficit" na balança comercial a abrirem mais espaços para seus produtos, pois o que lhes interessa é proteger o produtor americano, segundo declarações sempre pouco diplomáticas de uma sub-secretária de Estado de nome impronunciável.

Há, pois, necessidade de cautela no enfrentar a globalização da economia, não podendo, os países em desenvolvimento, abrirem mão de um certo grau

de protecionismo, risco de a globalização implicar sucateamento de segmentos empresariais importantes. Aceitar a realidade irreversível da globalização é fundamental, mas com as cautelas necessárias.

■ Ives Gandra da Silva Martins é professor emérito das Universidades Mackenzie e Paulista e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, presidente da Academia Internacional de Direito e Economia e do Conselho de Estudos Jurídicos da Federação do Comércio do Estado de São Paulo